

Contardo, atualidade e memória

ROBSON DE FREITAS PEREIRA*

“Aquele livro que tu mencionaste, eu lí o artigo. Só pelo título já dá para perceber por que o indicaste. Eu que ando cheio de dores”.

O diálogo aconteceu outro dia, com alguém que andava “cheio de dores”, por razões diversas – fraquezas súbitas, desmaios, internação prolongada e recuperação mais lenta do que gostaria. Fiquei pensando na atualidade de uma crônica editada há tanto tempo (29/09/2011), reeditada nesta coletânea póstuma (Com o título: *Aproveitar a vida e suas dores*) e, simultaneamente, tão atual.

Contardo faleceu em 2021, lá se vão cinco anos. Mas “ele”, em algum traço, frase, visada, timbre de voz retornam frequentemente. Como vagalumes que cortam a escuridão ou a opacidade do cotidiano.

Conversas, projetos – pouco antes de ele ir embora de Porto Alegre, estávamos sentados a uma mesa e pensávamos num seminário que incluía trazer Derrida à nossa cidade. Livre pensar é só pensar, já escreveu Millor Fernandes. Gostava de fazer planos, de sonhar acordado, embora costumasse falar pouco sobre o que estava elaborando, pretendendo fazer, ainda “*work in progress*”.

Claro, os textos são uma herança especial. Não ficam somente na memória. Podem ser relidos a qualquer momento, ou quando se tornam apropriados a algum tema que queremos aprofundar ou expandir nossos horizontes. Ainda.

Contardo contribuiu em diversos campos. Vamos passar por alguns deles. A começar pela psicanálise e suas instituições. Neste sentido, mais um pouco de memória e história.

* Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA).

“Sustentar uma coluna com espaço psi durante todo este tempo, é alguma coisa”. Ele nos disse isto enquanto almoçávamos num boteco/lanchonete, mesa de calçada, na Av. Paulista. Era sábado, dia de sol e tínhamos combinado sair para colocar os assuntos em dia, depois de uma sessão de autógrafos na livraria Cultura. Naquele tipo de conversa quando a gente encontra um amigo que não vê há muito tempo e sai falando como se estivesse em associação livre. Um dos temas recorrentes surgidos: *“e a APOA?”*

O diálogo/reminiscência foi em São Paulo, onde ele já estava residindo e trabalhando há muitos anos. Mas neste momento, quando sentimos no corpo, a dolorosa constatação de que sua presença física ficou definitivamente perdida, a memória retorna ao início de nossa história comum: a Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Como é conhecido, na metade dos anos 80, Contardo começou a viajar para o Brasil. Fazia clínica e seminários de psicanálise em Porto Alegre e São Paulo. Naquele momento, estávamos organizados em algumas instituições – Centro de Trabalho em Psicanálise e Mayêutica, Porto Alegre entre eles e, também, muita gente estudando reunida em torno de alguns outros psicanalistas.

Em 1989, depois de fixar residência aqui no Sul, Contardo nos apresentou a proposta da associação. A concepção era diferente de tudo o que já se tinha vivido ou pensado até então. Lembremo-nos que até aquele momento histórico a formação dos psicanalistas se resumia às instituições filiadas à IPA (ainda vedada aos psicólogos) e outras não filiadas, mas que seguiam o modelo de forma mais ou menos mimética.

A novidade proposta seria criar uma instituição que privilegiasse a circulação transferencial, que tivesse uma relação vital com a cidade (com a pólis) e que se constituísse a partir da dissolução das instituições e dos grupos de estudos já existentes. Não se tratava de propor uma federação de grupos onde cada um manteria suas transferências e modos de funcionamento. Desta vez, teríamos que perder algo, abrir mão do já instituído para apostar em algo novo.

Contardo soube conduzir este processo, ajudando a superar rivalidades, invejas e desconfianças, conseguindo evidenciar que se tratava de uma tentativa de contribuir real e inovadoramente à psicanálise. Em dezembro de

1989, lá estávamos nós assinando a ata de fundação, no hotel Umbu (hoje inexistente).

A partir daí, nossa vida mudou e, a própria psicanálise em Porto Alegre também. A resposta dos psicanalistas, fossem eles jovens ou com maior experiência foi de entusiasmo. As pessoas que pediam entrada, ficavam sabendo das propostas através da leitura da ata e da entrevista e pareciam compartilhar deste desejo de seguir sua formação sem precisar de mestres eternamente (ou mesmo de continuar “liderando” grupinhos). Do meu grupo, que fizemos todo o processo de dissolução legal e simbólico, apenas um colega não quis aderir, éramos mais de vinte sem contar as pessoas que estudavam conosco.

Contardo assumiu a presidência nos primeiros três anos. O processo de renovação também era inédito. A diretoria se renovava por um terço a cada dois anos, sorteando-se os que saíam.

O fato de haver uma diretriz de circulação transferencial, não diminuiu a exigência de estudo e rigor conceitual. Mas os conhecimentos se diversificaram: além dos estudos de Freud e Lacan fomos apresentados a bases antropológicas (os seminários com Tarlei de Aragão foram preciosos), históricas, filosóficas, matemáticas, linguísticas e culturais. Sim culturais; em diversas ocasiões Contardo fazia questão de **marcar a importância de nossa língua, nossa cultura como fatores fundamentais para a escuta de um psicanalista**. Parafraseando o filósofo: tudo o que é brasileiro nos interessa, não pode nos ser indiferente. Isto foi uma das marcas em nossa trajetória. Tanto que o primeiro congresso teve como tema *O laço conjugal*, onde além de psicanalistas dialogamos com juristas, assistentes sociais, antropólogos e várias outras áreas de saber nesta tentativa de articular com a vida concreta das pessoas a interpretação e contribuição da psicanálise.

Com o passar do tempo, isso começou a ter efeitos na maneira como os psicanalistas eram vistos pelos meios de comunicação e mesmo os membros de outras instituições começaram a se interrogar sobre suas formas de institucionalização e estudo (aumentou significativamente o interesse por Lacan e os lacanianos, deixando de lado as maledicências).

Se nada do que é humano nos é indiferente, a clínica psicanalítica passou a ter mais rigor e amplitude: podíamos escutar a psicose amparados por

uma base conceitual especificamente psicanalítica. E ainda praticarmos, durante um tempo, a apresentação de pacientes em hospital e clínicas. A práxis se consolidou também para as perversões e obviamente as neuroses, sem que para isto tivéssemos que recorrer a velhos preconceitos. A escuta rompeu as paredes dos consultórios e foi para as ruas, os centros de assistência, de saúde mental, escolas, acampamentos indígenas ou sem-terra; em outras palavras, onde quer que fosse possível um psicanalista se dispor a escutar o que lhe era dirigido.

Contardo esteve no centro de tudo isto, nos ajudando a sustentar um verdadeiro discurso psicanalítico, sem precisar segregar as pessoas porque não tinham a mesma trajetória ou transferências. Ele que inicialmente chegou a Porto Alegre como um lacaniano ; pois tinha participado da Escola Freudiana de Paris até sua dissolução, depois não aceitando seguir com os herdeiros legais de Lacan e unindo-se aos que fundaram outros grupos (*Association Freudienne* , depois *ALI association lacanienne internationale*), aqui no sul do Brasil encontrou pessoas com quem pôde constituir uma proposta de trabalho inovadora que rompeu também com as instituições lacanianas mais tradicionais (Apoa foi a única instituição psicanalítica à qual permaneceu filiado voluntariamente pagando as anuidades).

As análises conduzidas, onde leveza não era sinônimo de indiferença (um dia comentou que estava muito preocupado com um paciente que se arriscava demais); as supervisões (tomei como uma interpretação do final de minhas supervisões regulares, o dia em que ele disse que não me cobraria mais porque aquela era uma conversa entre colegas), os seminários cheios de referências intelectuais, mas também interessados nas contribuições dos jovens, deixaram marcas. Mais do que isto, conseguiram transmitir em ato aquilo que Lacan propunha: cada psicanalista tem a responsabilidade de reinventar a psicanálise a cada paciente/momento. Talvez, até mesmo pelos efeitos de sua formação: uma vez me disse que se tivesse que nomear um mestre seria Roland Barthes e a experiência dos seus seminários.

Se hoje, fala-se em algo que perpassa como certo estilo, no modo como esta instituição conduz vários de seus temas, devemos muito disso a ele.

Contardo. Sua capacidade de fazer com que o medo do novo, do desconhecido pudesse ser enfrentado e transformado em propostas surpreenden-

tes, sabendo que sempre contamos com os outros, segue vigente. Com um sorriso e seriedade.

Alguns anos depois de deixar a presidência da Appoa¹, Contardo mudou-se definitivamente; primeiro para os EUA, depois fixando-se em São Paulo. Ali, seguiu sua aventura de deixar o pensamento *Psi* (nome da série televisiva que criou e dirigiu) navegar por outros mares: teatro, livros de ensaios, novelas, reportagens especiais e a coluna da Folha mencionada no início. Consolidou sua posição intelectual e psicanalítica, desejo manifestamente expresso em outra de nossas conversas (e na frase mencionada acima).

Nesta movimentação de espaços, lugares e iniciativas, Contardo também se transformou. Editorialmente, na escrita, isto ficou expresso na reedição de *Hello Brasil*.

O Brasil me modificou

No prefácio à segunda edição, vinte e tantos anos depois da primeira, Contardo conta que o título *Hello Brasil* é uma espécie de saudação a uma pessoa que encontramos e com quem trocamos um dedo de prosa. Semelhante a um livro do qual gostava muito: *Brasil: uma biografia*, de Lilia Schwarcz e Heloisa Starling. Uma biografia que trata a história do país como se fosse uma pessoa se formando e deformando ao longo da vida. “Foi também um jeito de explicar para mim mesmo a escolha de me estabelecer aqui”, acrescentava ele.

E aqui começaram, ou tomaram consistência, alguns dos efeitos em sua vida: escrever para ser lido mais amplamente e não somente para especialistas. As crônicas semanais para *Folha de São Paulo* se estabeleceram definitivamente. E a transformação provocada pela vida escolhida no Brasil: “hoje sou brasileiro demais, para reescrever *Hello Brasil*” e continua: “eu não saberia escrever o mesmo livro, nem se quisesse: eu não enxergaria as mesmas coisas – ou então as enxergaria, mas elas não me surpreenderiam

1. Fui o primeiro presidente depois de sua saída da função. Um ensinamento básico: “lembre-se de que esta é uma função eminentemente transferencial”.

mais.” E Contardo se perguntava: tratava-se de ficar acostumado ou será que o país o havia transformado? Questão que teve relevância na sua clínica; mudou sua forma de escutar. Também o levou a reconhecer que era possível continuar sua análise pessoal por escrito, “ou melhor, escrevendo”. Nesta trajetória, conseguiu fazer as pazes com a Itália, seu país natal; justamente por encontrar aqui características tão próximas dos italianos.

Suas elaborações conceituais (sempre a partir da clínica), também mostraram as consequências destes efeitos. *Hipótese sobre o fantasma*, escrito na França, demonstra esta profunda articulação clínica e conceitual, com consequências no campo psicanalítico. A ponto de Jean Allouch, em um posfácio de 2021 (*A alteridade Literal*) afirmar que Contardo foi um dos autores (junto com Erik Porge, Moustapha Safouan, Gérard Pommier entre outros) que consolidaram algo que durante um tempo tornou-se emblemático para os lacanianos: a travessia do fantasma como indicador de um final de análise. Talvez, por isto, por estes efeitos que por vezes se tornam muito mais engessadores do que de abertura, Contardo disse que não escreveria este livro do mesmo jeito. Representava um momento. Era muito estruturalista. Sua preferência estava no livro construído a partir de seminários ditados aqui no Brasil: *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*, onde a prática e as elaborações apontavam para uma leitura singular e não negativa das psicoses.

A boçalidade inaceitável

Ao fazer as pazes com sua Itália natal, pôde reafirmar algumas posturas éticas. Numa conferência para o Fronteiras do Pensamento em 2019, ele mencionou a tentativa de entender por que seu pai lutou contra o fascismo arriscando a própria vida. Teve que lidar com uma resposta aparentemente simples: eles eram vulgares, ou boçais. A estupidez não se preocupa com o outro. Não vai se interessar sobre o livro que falta na estante (outro momento da conferência), ou qualquer solidariedade. Daí que temos a responsabilidade de podermos sustentar firmemente uma posição, sem abrir mão da consideração com os outros. Sem apelar para a vulgaridade, mesmo

sob as condições mais difíceis. Isto se manifestou diversas vezes, entre elas numa coluna de 28/06/2018 para a FSP.

Nela Contardo criticava duramente os torcedores que foram à Copa do Mundo na Rússia e postaram vídeos nas redes sociais onde faziam *bullying* com jovens e crianças russas, obrigando-os a dizer em português (língua que não conheciam) frases absurdas. Cito: “Se você desconhece (sorte sua), comece pelo vídeo abaixo, que é edificante: um torcedor brasileiro de camisa canarinho manda um menino russo (visivelmente menor) repetir que ele é “filho da puta, viado e que dá para o Neymar”. Por a vítima ser menor, esse, aliás, é um crime grave (abuso de menor) na Rússia como no Brasil.

O primeiro dos outros vídeos é parecido com o de Stalingrado – um grupo ao redor de uma moça. O segundo é a obra de um boçal sozinho, que pede para uma jovem russa dizer em português que ela dá para os homens de Montes Claros (minha simpatia aos habitantes da cidade mineira, que não mereciam essa “propaganda”). A menção a Stalingrado se justifica porque existe uma famosa fotografia de um grupo de soldados alemães se divertindo com o cadáver de uma jovem russa, da Cruz Vermelha, enforcada numa árvore. A cena era da II Guerra Mundial. Entretanto, Contardo afirma que os boçais de 2018 são tão ou mais criminosos do que os soldados na guerra. O cerco de Stalingrado (1942) foi uma situação de morte e destruição inimaginável. Os torcedores que foram à Copa da Rússia, viajaram confortavelmente. E ele argumenta: “Os torcedores boçais na Rússia não são moleques; são perigosos canalhas. São farinha do mesmo saco dos *skinheads* que se juntam para massacrar uma travesti, dos nazistas que saíam procurando um judeu para lhe cortar a barba, dos jovens que colocaram fogo no índio Galdino, numa rua de Brasília...

Nota: a boçalidade adora uma fotografia. Os perpetradores, em geral, querem imortalizar o momento de sua canalhice, que é sempre grupal. Na de Stalingrado, os soldados eram 11, porque alguém tirou a instantânea.

A *selfie*, de uma certa forma, torna mais fácil ao canalha agir sozinho. Por exemplo, no vídeo em que um menino russo é abusado, só há um torcedor, mas a postagem do vídeo faz apelo à cumplicidade de todos os amigos e seguidores das redes sociais. Minha irritação aumenta, aliás, ao constatar que os canalhas pensaram que a gente gostaria de vê-los em ação.

Freud já dizia (*Por que da guerra?*, 1932), a perda de parâmetros estéticos e de educação é um dos efeitos do impulso destrutivo anticivilizatório: “Realmente, parece que o rebaixamento dos padrões estéticos na guerra desempenha um papel dificilmente menor em nossa revolta do que as suas crueldades”. Aqui vale enfatizar que padrões estéticos não se referem somente ao belo como decorativo, ao supérfluo como certo “senso comum” costuma projetar. Estamos diante de um outro sentido para estética, na mesma ampliação que Freud possibilitou ao conceito de sexualidade. A estética importa, tem valor moral e ético, tanto quanto a crueldade de uma guerra. Ou melhor, a violência da guerra se mostra na crueldade da destruição dos objetos, assim como na violência contra os corpos dos outros, uma clara demonstração de abuso.

Freud terminava o artigo mencionado acima (a carta a Einstein) com uma frase emblemática: *“tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra”*. Neste momento em que vivemos cotidianamente uma guerra pela hegemonia das “narrativas”, um trabalho cotidiano com as palavras, como o nosso, se faz cada vez mais necessário. Nesta direção, Contardo sustentou a importância da valorização dos gestos cotidianos, que podem ficar banalizados na exigência de que estejamos obrigados a fazer coisas extraordinárias todos os dias. Nos alertou que é muito importante perceber que a convivência obrigatória com os outros, mesmo os familiares mais amados, intensifica a angústia. Daí, o cuidado com o outro significa prestar atenção nos pequenos gestos, para que um deles não seja a “gota d’água no copo de cólera”. Para a psicanálise isto é fundamental; uma vez que o material com o qual se trabalha são as palavras, as palavras que descrevem uma vida que eventualmente sucumbiu aos excessos de exigência, de perfeição e peso desta dicotomia que exige certezas e identidades bem definidas. Isto é tão concreto na vida que tem consequências em nossa experiência política. Aqui, a surpresa com o real da vida é fundamental.

Aproveitar a vida e suas dores

“Quando perguntam como eu gostaria de morrer, respondo que fazendo a experiência da minha morte. Gostaria que alguém fizesse comigo os cuidados paliativos, ou

seja, me deixasse sem dor, mas perfeitamente acordado para eu me sentir morrendo. Isso é viver de uma maneira interessante, inclusive o momento da morte”.

Relendo a declaração feita por Contardo Calligaris em 2019, dá para dizer que ele realizou seu desejo. Viveu e morreu de forma interessante e intensamente. Para ele, a felicidade não poderia ser um ideal que muitas vezes se transforma em nosso imperativo moderno. A vida pode valer a pena mesmo nos momentos de dor e sofrimento.

A crônica/coluna que mencionamos no início deste texto e no subtítulo do parágrafo falava disto e das despedidas, a partir do diário de luto, de Roland Barthes e do luto de um amigo pela perda do pai e o risco do esquecimento. Ao amigo endereçou uma pergunta: “por que uma vida não se bastaria, mesmo que não sobre nada e, a médio prazo, ninguém se lembre?” Sobre Barthes, a leitura provocou saudades: “Meses depois da morte dos meus pais, havia momentos em que eu lamentava que meus afetos e pensamentos voltassem ‘ao normal’, como se minha vida fosse mais pobre sem aquela dor. E havia outros em que, de repente, um detalhe me fisgava, até às lágrimas. Esses momentos eu acolhia com alegria... Falando em ‘detalhes’ que fisgam, as anotações de Barthes reabriram a ferida de quando ele morreu, mais de 30 anos atrás. De que sinto mais falta? Do timbre de sua voz e de duas coisas que, de uma certa forma, faziam parte do timbre de sua voz.

Sinto falta de seu gosto pela inconsistência das ideias e dos saberes... E sinto falta de sua coragem para falar a partir da singularidade de sua experiência, sem a menor pretensão de erigi-la numa generalidade que valha para os outros.

Em suma, sinto falta dele, mas não é só que eu sinto falta dele, é que ele, ainda hoje, faz falta”.

Há um aforismo lacaniano que diz o seguinte: o psicanalista é um mestre que não faz discípulos. Então, o mais importante me parece ser como nos apropriamos de um legado, de uma formação, de uma história que nos precede e da qual somos contemporâneos simultaneamente. A psicanálise não prescinde de um cosmopolitismo, tampouco desta formação que leva em conta sua fortuna crítica e os fundamentos de outras disciplinas, outras fontes de saber. Parafraseando o poeta (Carlos Drumond de Andrade): o psi-

canalista tem que ser um sujeito cultivado. Mesmo no sec. XXI o inconsciente, assim como a democracia, está para ser realizado, não há completude, nem verdades eternas. Precisa da sustentação das pessoas, dos próximos e da falta que fazem alguns. Esperamos estar à altura da tarefa.

Junho de 2026

Robson de Freitas Pereira

rpereira755@gmail.com

Porto Alegre - RS - Brasil